

"QUERO VIVER NA MINHA CASA" UM DESAFIO PARA AS COMUNIDADES DO INTERIOR NO CONTEXTO DO *AGEING IN PLACE*

"I WANT TO LIVE IN MY HOME" A CHALLENGE FOR INLAND COMMUNITIES IN THE CONTEXT OF AGEING IN PLACE

"QUIERO VIVIR EN MI CASA" UN DESAFÍO PARA LAS COMUNIDADES DEL INTERIOR EN EL CONTEXTO DEL AGEING IN PLACE

Vítor Pinheira, (vpinheira@ipcb.pt)*

Maria João Guardado Moreira, (mjgmoreira@ipcb.pt)*

Ana Rodrigues, (sofiaandrade.rodrigues@gmail.com)*

Daniela Batista, (danielaafmbatista23@gmail.com)*

João Alves, (j.alves@ipportalegre.pt)**

Raquel Patrício, (raquel@ipb.pt)***

Paula Pissarra, (paula.pissarra@ipg.pt)****

RESUMO

O objetivo do presente estudo é identificar as preferências de residência futura das pessoas idosas. O local de residência é um importante fator na manutenção das vivências na comunidade. Em Portugal as alternativas à institucionalização são escassas e pouco conhecidas e o conceito de *Ageing in Place* está pouco explorado. Quando, por razões de saúde ou sociais, permanecer na habitação depende de respostas individualizadas adequadas, desenvolver novas políticas e serviços alternativos à institucionalização é hoje uma tarefa urgente, que responda às preferências de residência. Apresenta-se um estudo descritivo e exploratório com dados do projeto Persoparage, com 484 sujeitos dos 55 aos 99 anos a viver na comunidade. É feita uma análise de variáveis sociodemográficas e de perguntas relacionadas com as preferências de residência no futuro. As opções de resposta foram organizadas em 3 categorias (na própria residência/noutra residência/em instituição) e as respostas permitiam a escolha ordenada de 3 opções. As primeiras opções de residência foram na própria casa para 95,8% da amostra. Independentemente da idade, sexo, estado civil ou outras variáveis sociodemográficas esta opção foi escolhida pelos sujeitos em valores entre um mínimo de 92,4% (para os sujeitos viúvos) e de 100% (solteiros). As preferências enunciadas pelos sujeitos do estudo apontam indiscutivelmente para o desejo de se manterem na sua casa e na sua comunidade, revelando um claro alinhamento com o conceito de *Ageing in Place*.

Palavras Chave: ageing in place, residência, comunidade.

ABSTRACT

The objective of this study was to identify the preferences of future residence of elderly people. The place of residence of the elderly is an important factor in maintaining community experiences. In Portugal the alternatives to institutionalization are few and unknown and the concept of *Ageing in*

Place is little explored. When staying in housing depends on adequate individualized responses for health or social reasons, developing new policies and services alternative to institutionalization is an urgent challenge today. Descriptive and exploratory study from the data obtained by interview in the persoparage project, with 484 individuals aged 55 to 99 years living in the community. Analysis of sociodemographic variables and questions related to future residence preferences. The answer options were organized into 3 categories (at home / in another home / institution) and the answers allowed the orderly choice of 3 options. The first residence options are a common ground in 95.8% of the sample. Regardless of age, gender, marital status or other sociodemographic variables, this option is chosen by individuals in percentages ranging from a minimum of 92.4% (for widowed people) and 100% (for single people). The preferences revealed by the study show that people undoubtedly point to the desire to stay at home and in their community, revealing a clear alignment with the concept of Ageing in Place.

Keywords: ageing in place, residence, community.

RESUMEN

El objetivo de este estudio fue identificar las preferencias de futura residencia de ancianos. El lugar de residencia de las personas mayores es un factor importante para mantener las experiencias colectivas. En Portugal, las alternativas a la institucionalización son escasas y poco conocidas y el concepto de Ageing in Place está poco explorado. Cuando por razones de salud o sociales quedarse en su casa depende del análisis de cada situación particular, desarrollar nuevas políticas y servicios alternativos a la institucionalización es un desafío realmente urgente en la actualidad. Estudio descriptivo y exploratorio de los datos obtenidos en las entrevistas en el proyecto Persoparage, con 484 sujetos de 55 a 99 años viviendo en la comunidad. Análisis de variables sociodemográficas y preguntas relacionadas con preferencias de residencia futura. Las opciones de respuesta se organizaron en 3 categorías: en casa / en otra casa / institución. Cabe referir que las respuestas permitían la elección ordenada de 3 opciones. Las primeras opciones de residencia son siempre la casa propia para el 95.8% de la muestra., independientemente de la edad, el género, el estado civil u otras variables sociodemográficas, esta opción es elegida por los sujetos en una porcentaje de un mínimo del 92.4% (por los viudos) y 100% (por los solteros). Las preferencias reveladas en el estudio muestran indudablemente el deseo de las personas mayores de quedarse en su casa y en su comunidad, revelando estos resultados una clara correspondencia con las líneas de actuación del concepto de ageing in place.

Palabras clave: ageing in place, residencia, comunidad.

* Instituto Politécnico de Castelo Branco – Age.Comm

**Instituto Politécnico de Portalegre – VALORIZA-Centro de Investigação para a Valorização de Recursos Endógenos

***Instituto Politécnico de Bragança - Centro de Investigação em Educação Básica – Age.Comm

****Instituto Politécnico da Guarda – Escola Superior de Saúde da Guarda

Submitted: 18th February 2020

Accepted: 31th October 2020

INTRODUÇÃO

O fenómeno do envelhecimento demográfico mundial tem uma expressão muito marcada nos países mais desenvolvidos, em que Portugal se apresenta como um exemplo paradigmático pelo rápido processo de envelhecimento da sua população, relacionada com o aumento da esperança média de vida e, em paralelo, com uma quebra de natalidade e fortes processos migratórios (quer nas décadas de 60/70 do século passado, quer na segunda década deste século) (Rosa, 2016). O conjunto destes processos constitui uma ameaça aos modelos de suporte familiares mais comuns nos países do sul da Europa (Brandt, Haberkern & Szydlik, 2009) e representa um desafio aos modelos de permanência na comunidade, potenciadores da concretização de práticas enquadráveis no modelo de Ageing in Place. Este modelo pode possibilitar alternativas, particularmente para os sujeitos mais envelhecidos ou com condicionantes de saúde, de autonomia ou de suporte social (Abramsson & Andersson, 2015).

Em Portugal o crescimento do número de respostas sociais, apesar de acontecer em particular na tipologia dos Serviços de Apoio Domiciliar (Matias, 2016), não tem apresentado novas modalidades de resposta, mais individualizadas, adequadas às reais necessidades dos mais idosos com necessidades de apoio, mas antes tem permanecido muito marcada por um modelo institucional, muito pouco flexível e profundamente dependente de um modelo público de apoio social (Martin & Letra, 2012).

Segundo a World Health Organization (WHO) a preferência de residência das pessoas idosas pela manutenção na sua comunidade (e em particular na própria residência) que tem sido apontada como uma modalidade do Ageing in Place, surge assim não apenas como uma opção, mas também como uma necessidade, tendo em consideração as limitações das respostas das instituições do terceiro sector como entidades responsáveis pelos serviços de apoio a idosos e a falta de alternativas institucionais (WHO, 2015).

Stones e Gullifer (2016) referem que as pessoas idosas têm uma ligação forte às suas casas, provavelmente muito mais marcada do que qualquer outro grupo etário. Esta ligação é não só com o espaço físico da residência e dos objetos, mas também com as experiências, memórias e histórias de vida que lhe estão associadas, e a ligação à sua comunidade e contexto sociocultural. Ainda Stones e Gullifer (2016) e Mackenzie, Curryer e Byles (2015) destacam que a permanência na própria casa contribui para a sensação de controlo, de autonomia e de independência, para a perceção de controlo das rotinas diárias, acontecimentos e da própria individualidade e estatuto social, bem como para a preservação da identidade do self, aspetos essenciais para um envelhecimento ativo.

Num contexto de ausência de respostas alternativas de residência para as pessoas idosas, para além da institucionalização em Estruturas Residenciais para Pessoas idosas, importa perceber quais os seus desejos e preferências no futuro, o que constitui o principal objetivo deste estudo. A ausência de investigação em Portugal sobre as preferências das pessoas idosas quanto à sua residência no futuro constitui uma lacuna a que a presente investigação pretende responder.

1. METODOLOGIA

O presente estudo decorre das recolhas efetuadas no âmbito do Projeto PersoParAge (POCI-01-0145-FEDER-023678) que foram realizadas em 6 concelhos do interior português nas regiões da Beira Interior e do Norte Alentejano. Trata-se de um estudo descritivo, com

pesquisa de natureza quantitativa e qualitativa. A amostra (n=484) é representativa da população de regiões rurais e urbanas com 55 e mais anos e foi recolhida em 6 concelhos (Guarda, Sabugal, Castelo Branco, Idanha-a-Nova, Portalegre e Elvas), estratificada por grupos etários quinquenais e por sexo, com um intervalo de confiança de 95%. A distribuição da amostra quanto a estas variáveis foi calculada com base no recenseamento de 2011 e nas estimativas da população de 2016, publicadas pelo Instituto Nacional de Estatística (INE).

Os dados foram obtidos por entrevista a partir de um questionário construído pela equipa de investigação, com base no instrumento Older Americans Resources and Services (OARS) (George & Fillenbaum, 1985), entre idosos a residir na comunidade, com capacidade cognitiva para responder, avaliada pelo Questionário Breve de Estado Mental integrado no OARS (Rodrigues, 2008). Não foram recolhidos dados de identificação dos entrevistados. O consentimento foi implícito, expresso pela concordância dos entrevistados em responder ao questionário e o projecto não foi submetido a aprovação por Comissão de Ética.

A questão de investigação que serviu de fundo ao presente estudo foi No futuro onde gostaria de residir? Foi solicitado aos entrevistados que escolhessem três opções de resposta, ordenando-as por ordem de preferência de acordo com 12 opções de resposta (Na sua casa ... - 6 opções; Em casa de ... - 3 opções; Com outros idosos; Com uma família que o acolhesse; Numa instituição). Na apresentação de resultados optou-se por apresentar também a soma de todas as 6 opções de residir na própria casa. As respostas foram analisadas tendo em conta as primeiras 3 opções para toda a amostra (n=484 todos residentes na comunidade). Foram também analisadas e serão apresentadas por grandes grupos etários (55-64 anos, 65-79 anos e 80 e mais anos), por sexo, por grau de escolaridade, por estado civil, por localidade (rural/urbana) e por dimensão do agregado familiar (unipessoal ou mais do que uma pessoa).

Na análise estatística optou-se por apresentar estatística descritiva com distribuição de frequências relativas sob a forma de percentagens.

2. RESULTADOS

A amostra deste estudo foi constituída por 484 sujeitos, dos quais 161 (33,3%) tinham entre 55 e 64 anos e os restantes (n=323) com idades compreendidas entre os 65 e os 99 anos. É maioritariamente feminina (54,7%), com um nível de escolaridade predominantemente ao nível do Ensino Básico (60,3%) e dentro deste nível maioritariamente ao nível do 1º Ciclo. O estado civil dos sujeitos da amostra mais frequente é casado/união de facto com 58,1%, vivendo principalmente em meio urbano (66,5%) e em agregados familiares com mais de uma pessoa (65,5%).

Relativamente à questão *No futuro onde gostaria de residir?* as respostas referentes à primeira, segunda e terceira opções de resposta são apresentadas na Tabela 1.

Tabela 1: Opções de escolha das 3 respostas por ordem de preferência

Opções de residência futura (em %)	1ª Opção	2ª Opção	3ª Opção
<i>Em sua casa com as condições atuais</i>	69,8	7,0	5,0
<i>Em sua casa fazendo algumas alterações</i>	12,6	47,3	6,2
<i>Em sua casa com apoio domiciliar</i>	8,1	22,5	42,8
<i>Em sua casa com um familiar</i>	3,7	12,6	18,2
<i>Em sua casa com um amigo</i>	0,6	0,4	0,8
<i>Em sua casa com um vizinho</i>	0,2	0,2	0,4
<i>Total Opções "em sua casa"</i>	95,0	90,0	73,4

<i>Em casa de um amigo</i>	-	-	-
<i>Em casa de um familiar</i>	1,2	0,8	3,7
<i>Em casa de um vizinho</i>	-	-	-
<i>Com outros idosos com Serviço de Apoio Domiciliar</i>	-	1,2	1,0
<i>Com uma família que o acolhesse</i>	-	0,2	0,4
<i>Numa instituição</i>	2,5	2,7	15,1
<i>Não Sabe/ Não Responde</i>	1,3	5,1	6,4

Destes resultados referentes às três respostas por ordem de preferência destaca-se na primeira opção a escolha da resposta “Em sua casa nas condições atuais” com 69,8% e “Em sua casa fazendo algumas alterações” com 12,6%. Destacamos ainda o total das opções de resposta “Em sua casa...” que atinge os 95% das primeiras preferências. A possibilidade de partilha de residência é escolhida residualmente (1,2% e apenas na opção de resposta “Em casa de um familiar”) e residência institucional é escolhida por 2,5% dos sujeitos da amostra. Não sendo possível concretizar a primeira opção de preferência as respostas à segunda escolha recaem preferencialmente em “Em sua casa fazendo algumas alterações” e em “Em sua casa com apoio domiciliar” (47,3% e 22,5 respetivamente). O total de respostas “Em sua casa...” é ainda preferido por 90% dos sujeitos e as opções de partilha de residência e de residência institucional são ainda bastante baixas (2,2% para as 4 opções de partilha de residência e 2,7% para “Numa instituição”).

Esgotadas as duas primeiras opções na terceira escolha preferida a opção de resposta mais frequente é “Em sua casa com apoio domiciliar” (42,8%) seguida de “Em sua casa com um familiar” com 18,2%). O total de respostas “Em sua casa...” é ainda preferido por 73,4% dos sujeitos e a opção de partilha de residência é um pouco mais elevada (5,1% para as opções de partilha de residência) e a escolha “Numa instituição” atinge os 15,1%.

Foram também analisadas as primeiras preferências relativamente aos grandes grupos etários da amostra (55-64 anos, 65-79 anos e 80 e mais anos) e quanto ao sexo (Tabela 2).

Tabela 2: Opções de escolha da primeira preferência por grupos etários e sexo

Opções de residência futura	1ª Preferência por grupos etários (em %)			1ª Preferência por sexo (em %)	
	55-64 (N=161)	65-79 (N=206)	80 e mais (N=117)	Feminino (n=262)	Masculino (n=217)
Em sua casa com as condições atuais	70,8	70,4	67,5	68,7	72,8
Em sua casa fazendo algumas alterações	14,3	14,6	6,8	13,7	11,5
Em sua casa com apoio domiciliar	6,8	6,3	12,8	6,5	10,1
Em sua casa com um familiar	2,5	3,4	6,0	4,6	2,8
Em sua casa com um amigo	0,6	0,5	0,9	1,1	-
Em sua casa com um vizinho	-	-	0,9	-	-
Total Opções “em sua casa”	95,0	95,2	94,9	94,7	97,2
Em casa de um amigo	-	-	-	-	-
Em casa de um familiar	-	1,5	2,6	2,3	-
Em casa de um vizinho	-	-	-	0,4	-
Com outros idosos com Serviço de Apoio Domiciliar	-	-	-	-	-
Com uma família que o acolhesse	-	-	-	-	-
Numa instituição	2,5	2,9	1,7	2,7	2,3

Da análise quanto aos grupos etários as opções mais escolhidas nos grupos 55-64 e 65-79 anos são “Em sua casa com as condições atuais” (70,8% e 70,4% respetivamente) e “Em sua casa fazendo algumas alterações” (com 14,3% e 14,6% respetivamente). No grupo dos mais idosos as opções mais escolhidas são “Em sua casa com as condições atuais” e “Em sua casa

com apoio domiciliar", com 67,5% e 12,8%, respetivamente. Nos 3 grupos etários o total das escolhas "Em sua casa..." apresenta valores muito próximos dos 95% (Tabela 2).

Nos 3 grupos etários as opções de partilha de residência ou de residência institucional são residuais e no seu conjunto obtêm as pontuações mais elevadas no grupo dos 75-79 anos nas opções "Numa instituição" (2,9%) e "Em casa de um familiar" (1,5%); no grupo dos 80 e mais anos a opção "Em casa de um familiar" é escolhida por 2,6% e a opção "Numa instituição" por 1,7%. (Tabela 2).

Relativamente ao sexo as opções mais escolhidas quer em homens quer em mulheres são "Em sua casa com as condições atuais" (72,8% e 68,7% respetivamente) e "Em sua casa fazendo algumas alterações" (com 11,5% e 13,7% respetivamente). Os homens apresentam percentagens mais elevadas no conjunto das opções "Em sua casa..." 97,2%). Já nas opções de residência partilhada apenas são escolhidas por mulheres (2,3% e 0,4% respetivamente nas opções "Em casa de um familiar" e "Em casa de um vizinho"). A opção "Numa instituição" é mais escolhida por mulheres embora com um valor baixo (2,7%) (Tabela 2).

Na Tabela 3 podemos ver os resultados obtidos relativamente às variáveis escolaridade e localidade (rural/urbana) quanto às primeiras preferências de escolha.

Tabela 3: Opções de escolha da primeira preferência por grau de escolaridade e por tipo de localidade

Opções de residência futura	1ª Preferência por grau de escolaridade (em %)				1ª Preferência por Localidade (em %)	
	Sem escolaridade (n=77)	Ensino Básico (1º/2º/3º Ciclos) (n=288)	Ensino Secundário/Médio (n=67)	Ensino Superior (n=46)	Rural (N=156)	Urbano (n=322)
Em sua casa com as condições atuais	51,9	72,6	80,6	73,9	68,6	71,7
Em sua casa fazendo algumas alterações	14,3	13,2	10,4	10,9	12,2	13,0
Em sua casa com apoio domiciliar	18,2	6,9	3,0	6,5	13,5	5,3
Em sua casa com um familiar	9,1	2,4	3,0	4,3	2,6	4,3
Em sua casa com um amigo	1,3	0,3	1,5	-	-	0,9
Em sua casa com um vizinho	1,3	-	-	-	-	-
Total Opções "em sua casa"	96,1	95,5	98,5	95,7	96,8	95,3
Em casa de um amigo	-	-	-	-	-	-
Em casa de um familiar	2,6	1,4	-	-	1,9	0,9
Em casa de um vizinho	-	-	-	-	-	0,3
Com outros idosos com Serviço de Apoio Domiciliar	-	-	-	-	-	-
Com uma família que o acolhesse	-	-	-	-	-	-
Numa instituição	1,3	2,8	1,5	4,3	1,3	3,1

Relativamente à escolaridade o total das opções "Em sua casa..." apresenta valores muito semelhantes para os 4 níveis de escolaridade analisados (entre 95,5% e 98,5%), sempre com maior preferência da opção "Em sua casa com as condições atuais", mas que nos sujeitos sem escolaridade apresenta valores bastante mais baixos (51,9%). Nos sujeitos sem escolaridade, o valor mais baixo na opção "Em sua casa com as condições atuais" aparece a par do reforço na opção "Em sua casa com apoio domiciliar" a obter nestes sujeitos um dos valores mais elevados da amostra (18,2%). As opções de partilha de residência são também muito baixas (valor mais elevado de 2,6% na opção "Em casa de um familiar" para os sujeitos sem escolaridade e de 4,3% na opção "Numa instituição" para os sujeitos com Ensino Superior) (Tabela 3).

Relativamente à residência em meio urbano ou rural o total de opções "Em sua casa..." é semelhante (96,8% e 95,3% respetivamente) com a mesma primeira preferência ("Em sua casa

com as condições atuais”) mas as segundas opções mais escolhidas em meio rural são “...com apoio domiciliar” (13,5%) e em meio urbano “...fazendo algumas alterações” (13%). As opções de partilha de residência são também muito baixas (valor mais elevado de 1,9% na opção “Em casa de um familiar” para o meio rural e de 3,1% na opção “Numa instituição” para os sujeitos do meio urbano) (Tabela 3).

Na Tabela 4 podemos ver os resultados obtidos relativamente às variáveis estado civil e em agregados unipessoais quanto às primeiras preferências de escolha.

Tabela 4 – Opções de escolha da primeira preferência por estado civil e em agregados unipessoais

Opções de residência futura (em %)	1ª Preferência por Estado Civil				1ª Preferência nos Agregados unipessoais (n=167)
	Solteiro (n=25)	Casado / União de facto (n=277)	Viúvo (n=144)	Divorciado Separado (n=31)	
Em sua casa com as condições atuais	56,0	75,5	65,3	64,5	67,5
Em sua casa fazendo algumas alterações	20,0	13,4	10,4	12,9	10,2
Em sua casa com apoio domiciliar	24,0	5,4	9,7	12,9	12
Em sua casa com um familiar	-	2,9	6,3	3,2	4,2
Em sua casa com um amigo	-	0,4	0,7	-	0,6
Em sua casa com um vizinho	-	-	-	-	-
Total Opções “em sua casa”	100,0	97,5	92,4	93,5	94,5
Em casa de um amigo	-	-	-	-	-
Em casa de um familiar	-	0,4	2,8	3,2	1,8
Em casa de um vizinho	-	-	0,7	-	-
Com outros idosos com Serviço de Apoio Domiciliar	-	-	-	-	-
Com uma família que o acolhesse	-	-	-	-	-
Numa instituição	0,0	2,2	3,5	3,2	3,0

Relativamente ao estado civil o total das opções “Em sua casa...” apresenta valores mais elevados para os solteiros e casados ou em união de facto (100% e 97,5% respetivamente) e mais baixos para os viúvos e divorciados/separados (92,4% e 93,5% respetivamente). As segundas opções mais escolhidas pelos sujeitos solteiros são “...com apoio domiciliar (24%) e pelos restantes grupos “...fazendo algumas alterações”. As opções de partilha de residência são também baixas (valor mais elevado de 3,2 % na opção “Em casa de um familiar” para os sujeitos divorciados/separados e de 3,5% “Numa instituição” para os sujeitos viúvos). Nos sujeitos solteiros não há escolhas nestas opções (Tabela 4).

Nos agregados familiares unipessoais os valores obtidos são próximos dos valores dos viúvos o que resulta de a maior parte destes agregados ser constituído por viúvos (Tabela 4).

3. DISCUSSÃO

O objectivo do presente estudo foi identificar as preferências de residência futura de pessoa idosas. A análise global dos resultados do estudo permite identificar uma clara opção por viver na própria casa quando se formula a questão de investigação “No futuro onde gostaria de residir”.

Na primeira opção de respostas 95% da amostra escolhe uma das respostas “Em sua casa...”, dando a preferência “...com condições atuais”. Estes resultados estão de acordo com estudos semelhantes em diferentes países e culturas (Abramsson & Andersson, 2015; Stones & Gullifer, 2016), mas são particularmente próximos do estudo de Fernández-Carro (2014)

realizado num contexto cultural também do sul da Europa, com modelos de organização social e familiares semelhantes. As pontuações mais elevadas obtidas no presente estudo poderão resultar da pergunta poder/dever ser interpretada como uma primeira escolha de residência. Esta é ainda a escolha preferencial na segunda e terceira opções de resposta, com valores muito próximos do estudo espanhol, que questiona também a preferência em condições de dependência. No presente estudo é visível que na 2ª e 3ª opção essa ideia está presente pois a segunda opção mais escolhida indica "...fazendo algumas alterações" e na 3ª "...com apoio domiciliário", perspetivando uma manutenção na própria residência, mas já em situação de necessidade de algum apoio. Esta ideia reflete-se também quando na 3ª opção de escolha 15,1% da amostra seleciona como hipótese a residência em instituição.

Esta mesma perspetiva de necessidade de algum apoio tem paralelo no grupo etário mais velho (80 e mais anos) em que a segunda escolha mais referida na 1ª opção é "...com apoio domiciliário". No entanto ao analisar os três grupos etários os valores da primeira escolha não apresentam grandes diferenças (95,0% nos mais jovens, 95,2% entre os 65 e os 79 anos e 94,9% nos mais idosos, sugerindo que não é a idade que pode condicionar a opção por instituição (os mais idosos são os que menos a escolhem) mas sim a possibilidade de dependência ou necessidade de mais cuidados (Fernández-Carro, 2014).

A comparação entre sexos também revela diferenças com as mulheres a escolherem menos opções "Na sua casa..." e a referirem opções de partilha residência, quer com familiares (2,3%) quer com vizinhos (0,4%), não havendo nenhuma escolha destas opções por parte dos homens. No mesmo sentido são as viúvas que mais escolhem estas duas opções de partilha de residência, que a análise dos dados permite estabelecer relações com outras variáveis, particularmente nas situações nas situações de baixa escolaridade e baixo rendimento. Estes resultados estão em linha com os de Fernández-Carro em Espanha (2014), e de Mackenzie, Curryer, e Byles, (2015) e Byles, Curryer,, Vo, Forder, Loxton, e McLaughlin (2018) na Austrália.

Também a escolaridade parece influenciar a opção por residir numa instituição já que os sujeitos com habilitações ao nível do ensino superior são os que mais escolhem esta opção (4,3%). Esta mesma tendência parece refletir-se nos sujeitos residentes em meio urbano (3,1%), o que poderá relacionar-se com uma maior fragilidade das redes comunitárias de vizinhança ou com um vínculo mais recente à própria habitação do que no meio rural (Byles, Mackenzie, Redman,, Parkinson, Leigh & Curryer, 2014; Lehning, & Greenfield, 2017)

Outro resultado que merece destaque é o facto de os solteiros, independentemente do sexo, nunca escolherem nenhuma opção de partilha de residência ou de institucionalização, o que poderá estar relacionado com uma maior perceção de controlo das rotinas diárias, acontecimentos, e preservação da identidade do *self* (Stones & Gullifer, 2016; Mackenzie, Curryer, & Byles, 2015).

Na análise de todas as tabelas as opções de partilha de residência são escolhidas de uma forma quase residual. O desconhecimento de opções com enquadramento legal em Portugal como o acolhimento familiar, ou de modelos de partilha de residência (como o da opção "Com outros idosos com Serviço de Apoio Domiciliário") poderá justificar esses resultados. No entanto outras opções, particularmente a opção de viver em casa de um familiar, apresenta também poucas preferências, apesar de ser uma situação relativamente comum.

Este estudo tem como principais limitações o âmbito geográfico de recolhas relativamente restrito e a não aleatorização da amostra. Contudo as recolhas respeitam a estratificação por idades e por sexo, sendo representativas da população o que minimiza essas limitações. A inexistência de análise estatística de comparação entre grupos ou variáveis constitui também uma limitação do estudo, apesar de não ser objetivo do estudo analisar possíveis diferenças

com significado estatístico. Identificamos como aspetos mais fortes a dimensão da amostra e o facto de pela primeira vez em Portugal se analisarem as preferências de residência no futuro das pessoas idosas e de futuros idosos.

CONCLUSÃO

As perspetivas de residência futura escolhidas pela amostra do estudo refletem o desejo de se manter nas suas comunidades, na linha do conceito de *Ageing in Place*, mas com uma forte expressão de manutenção na própria residência (na situação atual, fazendo alterações ou com serviços de apoio domiciliário) e opções de partilha de residência muito diminutas. O desconhecimento deste tipo de opções poderá ser a razão para a baixa indicação destas opções ou de *Co-housing*, que apenas são referidas (embora de forma pouco significativa) quando passam por partilha da própria casa.

Responder a estes desafios, numa sociedade cada vez mais envelhecida, em que as redes familiares estão cada vez mais fragilizadas, constitui um dos grandes desafios ao desenvolvimento de experiências de inovação social, na oferta de serviços de apoio domiciliário e de opções de residência ajustados às necessidades individuais das pessoas idosas.

REFERÊNCIAS

- Abramsson, M. & Andersson, E. (2015). Changing Preferences with Ageing – Housing Choices and Housing Plans of Older People. *Housing, Theory and Society*, DOI: 10.1080/14036096.2015.1104385.
- Byles, J. E., Mackenzie, L., Redman, S., Parkinson, L., Leigh, L., & Curryer, C. (2014). Supporting housing and neighbourhoods for healthy ageing: Findings from the Housing and Independent Living Study (HAIL). *Australasian journal on ageing*, 33(1), 29-35.
- Byles, J., Curryer, C., Vo, K., Forder, P., Loxton, D., & McLaughlin, D. (2018). Changes in housing among older women: Latent class analysis of housing patterns in older Australian women. *Urban Studies*, 55(4), 917-934.
- Brandt, M., Haberkern, K. & Szydlik, M. (2009). Intergenerational help and care in Europe. *European Sociological Review*, 25, 5, 585-601.
- Fernández-Carro, C. (2014). Ageing at home, co-residence or institutionalisation? Preferred care and residential arrangements of older adults in Spain. *Ageing & Society*. DOI:10.1017/SO144686X14000138X
- George, L. K. & Fillenbaum, G. G. (1985) OARS Methodology: A decade of experience in geriatric assessment. *Journal of the American Geriatrics Society*, 33(9), 607–615.
- Lehning, A. J., & Greenfield, E. A. (2017). Research on age-friendly community initiatives: Taking stock and moving forward. *Journal of Housing for the Elderly*, 31(2), 178-192.
- Mackenzie, L., Curryer, C. & Byles, J. (2015). Narratives of home and place: findings from the Housing and Independent Living Study. *Ageing & Society*. doi:10.1017/SO144686X14000476
- Martin, I. & Letra, M. (2012). Evolução das respostas sociais em Portugal 2006-2010. *Rediteia*, 45,45-51.
- Matias, P. (2016). "Ageing in place": Reflexões sobre o conceito e desafios para Portugal. In *Espaços Vivos e Espaços Construídos: estudos sobre a cidade*. 3, 77-85. Retrieved from <http://maior.com.pt/ageing-in-place-reflexoes-sobre-o-conceito-e-desafios-para-portugal-ageing-in-place-reflections-on-the-concept-and-challenges-for-portugal/>
- Rodrigues, R. M. (2008). Validation of the European Portuguese version of the Older Americans Resources and Services instrument. *Revista Panamericana de salud Publica*, 23(2), 109-115.

Rosa, M. J. V. (2016). O envelhecimento da sociedade portuguesa. Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Stones, D. & Gullifer, J. (2016). "At home it's just so much easier to be yourself": older adults' perceptions of ageing in place. *Ageing & Society*. 36, 449-481

WHO (2015). Report on the 2nd WHO global fórum on innovation for ageing populations. Kobe, Japan:World Health Organization.